

Como tornar-se o que se é: A autossuperação da decadência e a transvaloração nietzschiana

Leonardo Alves Fernandes¹

RESUMO: Propomos no presente trabalho, a discussão teórica do diagnóstico de Nietzsche sobre o niilismo como doença da modernidade, buscando evidenciar o empreendimento filosófico de sua superação, qual seja, a transvaloração de todos valores, compreendida através da caracterização “fisiopsicológica” do próprio filósofo. A elucidação de uma “nova psicologia” na filosofia nietzschiana, enquanto saber fisiopsicológico, é o que fundamenta nosso estudo direcionado a obra *Ecce Homo*, na qual Nietzsche apresenta sua constituição “fundamentalmente sadia”. Sendo assim, o que torna Nietzsche um “psicólogo sem igual” é o caráter saudável de sua filosofia, que, em primeiro lugar, supera os dogmas metafísicos, ao promover um saber fisiopsicológico, isto é, pautado no corpo e na vida enquanto vontade de potência; em seguida, que propõe uma genealogia dos valores através da autoexperimentação; e, por fim, que promove a autossuperação da decadência, processo pelo qual alguém “torna-se o que é”, através do cultivo de novos modos de valorar que afirmam o vir-a-ser.

PALAVRAS-CHAVE: *Niilismo. Fisiopsicologia. Decadência. Saúde. Transvaloração.*

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, propomos a discussão teórico-filosófica do diagnóstico de Nietzsche sobre o niilismo como doença da modernidade, buscando evidenciar o empreendimento filosófico de sua superação, a saber, a *transvaloração de todos valores*, compreendida através da caracterização “fisiopsicológica” do próprio filósofo. Para tanto, primeiro buscaremos elucidar o sentido da “nova psicologia”, presente na filosofia nietzschiana, enquanto saber fisiopsicológico. Isto feito, passamos à análise da obra *Ecce Homo*, tendo como fundamento a relação fisiopsicológica entre filosofia e saúde. Em *Ecce Homo*, Nietzsche apresenta sua constituição “*fundamentalmente sadia*”; esta “grande saúde” é descrita como fruto do “cuidado de si” – que pode ser interpretado como um autoexperimento dos estados de saúde e doença da humanidade, pelo qual alguém conquista o poder de deslocar perspectivas e, como isso, “torna-se o que se é”. Sendo assim, a reivindicação de Nietzsche como “primeiro psicólogo” se justificaria pelo caráter saudável de sua filosofia, que, em primeiro lugar, supera os dogmas metafísicos, ao promover um saber fisiopsicológico, isto é, pautado no corpo e na vida enquanto vontade de potência; em seguida, que propõe uma genealogia dos valores através da autoexperimentação; e, por fim, que promove a autossuperação da decadência, através do cultivo de novos modos de valorar. Todo esse empreendimento é colocado em contraposição ao tipo decadente e à moral escrava que imperam na modernidade, segundo o diagnóstico de Nietzsche, esse “psicólogo *sem igual*”.

¹ Graduado em Psicologia (2022/UNESP); Mestrando em Psicologia (UNESP-Assis); Bolsista FAPESP (Processo 2022/10467-2).

1 A FISIOPSICOLOGIA NIETZSCHIANA

Nietzsche, em *Ecce homo*, afirma: “antes de mim não havia absolutamente psicologia” (EH/EH, Por que sou um destino 6, tradução de Paulo César de Souza), essa provocação contém, por um lado, uma crítica aos dogmas metafísicos da Psicologia tradicional; e, por outro, revela a proposta de uma nova psicologia. Quando afirma que “toda psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais” (JGB/BM 23, trad. PCS), o filósofo quer destituir, principalmente, o primado da consciência, como núcleo do psiquismo (GIACOLA JUNIOR, 2001). Em contrapartida, Nietzsche concebe um saber fisiopsicológico, descrito como “morfologia e teoria da evolução da vontade de potência” (JGB/BM 23, trad. PCS); o que significa, basicamente, tomar o corpo como fio condutor, mas por corpo aqui entende-se uma dinâmica hierárquica de impulsos e afetos, ou seja, forças em relação de domínio e submissão. Para entender melhor essa crítica nietzschiana, vejamos um trecho de um fragmento póstumo de 1885, que leva o título “*Moral e fisiologia*”:

Consideramos que é por uma conclusão prematura que a consciência humana foi durante tanto tempo tomada como sendo o grau superior da evolução orgânica e a mais surpreendente das coisas terrestres, ou seja, como a sua florescência suprema e o seu termo. Mas o *corpo* é muito mais surpreendente: não deixamos de nos maravilhar sempre com a ideia de que o *corpo* humano se tenha tornado possível; que essa coletividade inaudita de seres vivos, todos dependentes e subordinados, mas num outro sentido dominantes e dotados de atividade voluntária, pudesse viver e crescer como um todo e subsistir durante certo tempo –: e, evidentemente, isso *não foi absolutamente* devido à consciência. [...] A esplêndida coesão dos seres vivos mais múltiplos, o modo como as atividades superiores e inferiores se ajustam e se integram uma às outras, essa obediência multiforme, que não é cega, menos ainda mecânica, mas crítica, prudente, cuidadosa, ou seja, rebelde – todo esse fenômeno do corpo é, do ponto de vista intelectual, tão superior à nossa consciência, a nossos modos conscientes de pensar, sentir e de querer [...] essa prodigiosa, síntese de seres vivos e de intelectos que chamamos de “homem” somente pode viver a partir do momento em que criou esse sistema sutil de relações e transmissões e, por meio dele, esse acordo extremamente rápido entre todos estes seres superiores e inferiores [...]; mas não se trata aqui de um problema mecânico, e sim de um problema moral. [...] Guiados pelo fio condutor do corpo, como disse, aprendemos que a vida somente é possível graças ao jogo combinado de numerosas inteligências de valor bastante desigual, portanto, graças a uma perpétua troca de obediência e mando sob muitas formas – ou, em termos morais, graças ao exercício ininterrupto de numerosas *virtudes*. (FP 1885 37[4], trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho).

É esta dinâmica dos impulsos que norteia as análises genealógicas do “psicólogo” Nietzsche, na medida em que são os impulsos, enquanto vontade de potência, que criam os valores vigentes através da afirmação de sua interpretação afetiva. Em outro fragmento: “o juízo de valor moral é uma *interpretação*, uma maneira de interpretar. A própria interpretação é um *sintoma* de alguns estados fisiológicos, assim como de um certo nível intelectual dos julgamentos dominantes. *Quem interpreta?* – os nossos afetos” (NF/FP 1885 2[190], trad. NCMS). É nesse sentido que Nietzsche, no prólogo para *A Gaia Ciência* discute a relação entre filosofia e saúde, inclusive reivindicando seu papel de psicólogo: “pois, desde que se é uma pessoa, tem-se necessariamente a filosofia de sua pessoa” (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS). Ora, a filosofia de uma pessoa representa aqui sua moral, isto é, uma tábua de valores que, por sua vez, é sintoma, como vimos, de uma disposição hierárquica das forças do corpo – na qual impulsos dominantes impõem sua perspectiva interpretativa ao subjugar outros impulsos. Em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche afirma que “a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas, até mesmo o pensamento filosófico” (JGB/BM 3, trad. PCS), ou seja, na contramão de uma tradição psicológica racionalista, para o autor,

o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida (JGB/BM 3, trad. PCS).

Em outras palavras, à cada hierarquia fisiopsicológica correspondem uma moral e uma filosofia. Por isso Nietzsche propõe, com a genealogia da moral, um “conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram” (GM/GM, Prólogo 6, trad. PCS) os valores vigentes. Todavia, conforme adverte Nietzsche, para tal diagnóstico é preciso atentar-se para a seguinte distinção fisiopsicológica:

Num homem são as deficiências que filosofam, no outro, as riquezas e forças. O primeiro *necessita* de sua filosofia, seja como apoio, tranquilização, medicamento, redenção, elevação, alheamento de si; no segundo ela é apenas um formoso luxo, no melhor dos casos a volúpia de uma triunfante gratidão, que afinal tem de se inscrever, com maiúsculas cósmicas, no firmamento dos conceitos (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS).

Enfim, começa a revelar-se o critério da genealogia, ou seja, o que determina o *valor* dos valores na análise de suas condições de produção. Trata-se de uma questão de saúde e doença, conforme explica Nietzsche, “sabemos agora para onde o *corpo* doente, com a sua necessidade, inconscientemente empurra, impele, atrai o espírito – para o sol, sossego, brandura, paciência, remédio, bálsamo em todo e qualquer sentido” (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS). E a partir desse saber direciona-se ao diagnóstico da história da filosofia, nestas palavras:

Toda filosofia que põe a paz acima da guerra, toda ética que apreende negativamente o conceito de felicidade, toda metafísica e física que conhece um *finale*, um estado final de qualquer espécie, todo anseio predominantemente estético ou religioso por um Além, Ao-lado, Acima, Fora, permitem perguntar se não foi a doença que inspirou o filósofo (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS).

Assim sendo, na genealogia, a superação dos dogmas metafísicos é, novamente, a peça chave da crítica nietzschiana, pois ela significa, em última instância, a superação do *niilismo*. Em suas palavras, “Podemos ver todas as insânias da metafísica, em particular suas respostas à questão do *valor* da existência, antes de tudo como sintomas de determinados corpos”. Dizendo novamente, a partir desse saber fisiopsicológico, as ideias dos filósofos não passam de “sintomas do corpo, [...] do seu êxito ou fracasso, de sua plenitude, potência, soberania na história, ou então de suas inibições, fadigas, pobreza, de seu pressentimento do fim, sua vontade de fim” (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS). Para Nietzsche, prevalecem, na história da filosofia, os pensadores doentes; é nesse sentido que ele afirma:

O inconsciente disfarce das necessidades fisiológicas sob o manto da objetividade, da ideia, da pura espiritualidade, vai tão longe que assusta – e frequentemente me perguntei se até hoje a filosofia de modo geral, não teria sido apenas uma interpretação do corpo e uma *má-compreensão* do corpo (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS).

Ou seja, a filosofia é, por um lado, um processo de interpretação exercido por necessidades fisiopsicológicas que criam valores; por outro lado, no que tange à história da filosofia, o que o diagnóstico nietzschiano atesta é que os valores vigentes foram frutos de estados fisiopsicológicos doentes e, nesse sentido, configuram uma *má-compreensão* do corpo à medida que pregam justamente sua negação, através de ideais ascéticos, tal como a moral da compaixão e a divinização do não-egoísmo.

É importante notar como esta análise fisiopsicológica não se restringe a personagens da história da filosofia, mas se estende para a avaliação de diferentes culturas e nesse sentido cabe a conclusão de Nietzsche que versa sobre seu empreendimento filosófico:

Eu espero ainda que um *médico* filosófico, no sentido excepcional do termo – alguém que persiga o problema da saúde geral de um povo, uma época, de uma raça, da humanidade –, tenha futuramente a coragem de levar ao cúmulo a minha suspeita e arriscar a seguinte afirmação: em todo o filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a ‘verdade’, mas algo diferente, como saúde, futuro, poder, crescimento, vida... (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS).

Enfim, o que o diagnóstico nietzschiano da cultura moderna revela sobre a moral, sobre os valores em vigência, é que estes foram frutos de uma disposição fisiopsicológica

decadente, ou seja, uma fraca composição dos impulsos, que fez com que se desejasse por um atenuamento do sofrimento, por medicação, apaziguamento, renúncia – em uma palavra, por um *ideal ascético* que é sustentado na história da filosofia pelos dogmas transcendentais. Partindo desse diagnóstico, Nietzsche lança mão de um empreendimento filosófico que conduz a formulação de uma nova psicologia. Seu alvo é a criação de novos valores, de afirmação da vida, o que implica a afirmação também do sofrimento intrínseco à vida. Para tanto, é necessário o cultivo de uma nova disposição fisiopsicológica, capaz de transvalorar os valores, ou seja, experimentar em si tanto a potência quanto o sofrimento e a fraqueza. Se, por um lado, tal empreendimento filosófico se relaciona na obra nietzschiana com a figura do “além-do-homem” e com uma “filosofia do futuro”, o que buscaremos mostrar, por outro lado, é o modo como Nietzsche se identifica com o cultivo desse novo tipo fisiopsicológico, nobre, *fundamentalmente saudável*, em oposição aos tipos decadentes que imperaram na história.

2 O AUTOEXPERIMENTO FISIOPSICOLÓGICO

Se, como diz Nietzsche, caso o próprio “psicólogo” fique doente, ele “levará toda a sua curiosidade científica para a doença”, então sabemos o “que temos nós com o fato de o sr. Nietzsche haver recuperado a saúde” (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS). Lembremos, nesse sentido, a formulação do conceito nietzschiano de “grande saúde” em *A gaia ciência*:

Nós, os novos, os sem-nome, os difíceis de entender, nós, os nascidos cedo de um futuro ainda indemonstrado – nós precisamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, de uma saúde mais forte, mais engenhosa, mais tenaz, mais temerária, mais alegre, do que todas as saúdes que houve até agora (FW/GC 382, trad. Rubens Rodrigues Torres Filho).

Tal saúde é necessário devido a periculosidade do experimento aqui proposto, que pode ser descrito da seguinte maneira: “permanecer doente por um bom período e depois, durante mais tempo, durante muito tempo tornar-se sadio, quero dizer, ‘mais sadio’” (MA I/HH I, Prólogo 5, trad. PCS). O que o projeto filosófico nietzschiano parece sublinhar é a necessidade de vivenciar a doença (o estado degenerado da humanidade) para superá-la. Em suas palavras, “assim nós, filósofos, ficando doentes, nos sujeitamos à doença de corpo e alma por algum tempo – como que fechamos os olhos para nós mesmos” (FW/GC, Prólogo 2, trad. PCS). Ao mesmo tempo, é justamente por meio destes experimentos que se cultiva e se conquista a grande saúde. Em termos nietzschianos: “até a *madura* liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários” – dito de outro modo, “até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da *grande* saúde”; – até que se conquiste tal potência, “No entremeio podem estar longos anos de convalescença, anos plenos de transformações multicores, dolorosamente mágicas, dominadas e conduzidas por uma tenaz *vontade de saúde*” (MA I/HH I, Prólogo 4, trad. PCS).

O filósofo, versando sobre a “grande saúde”, fala daquele “cuja alma tem sede de viver o âmbito inteiro dos valores e anseios que prevaleceram até agora” e “saber, pelas aventuras de sua experiência mais própria, o que se passa na alma de um conquistador e explorador do ideal, assim como de um artista, de um santo, de um legislador, de um sábio, de um erudito, de um devoto, de um adivinho, de um apóstata no velho estilo” (FW/GC 382, trad. RRTF). Para tal experimentação, Nietzsche insiste, é necessária uma disposição fisiopsicológica forte o bastante para incorporar por sua vontade de potência uma multiplicidade cada vez maior de impulsos, entendidos aqui como valores (verdades, ideais). A *grande saúde*, portanto, não só suporta múltiplas perspectivas, mas as incorpora, dispondo a seu favor, isto é, a favor do fortalecimento do ser humano e, consequentemente, da afirmação da vida.

Nietzsche enfatiza em diversos momentos a dificuldade deste projeto, indicando uma aflição e uma espécie de náusea causado pela própria experimentação. Afinal, o “âmbito inteiro dos valores e anseios que prevaleceram até agora” (FW/GC 382, trad. RRTF), que aqui almeja-se experimentar, passa necessariamente, e talvez principalmente, pelos valores decadentes da humanidade, conforme vimos através do diagnóstico nietzschiano do niilismo. É nesse sentido que o experimento nietzschiano envolve o adoecimento: “Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza de saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento” (MA I/HH I, Prólogo 4, trad. PCS).

Nietzsche, então, apresenta o resultado obtido por tal experimentação, no que tange à tarefa da *transvaloração dos valores*, o cultivo do além-do-homem:

E agora, depois de por muito tempo estarmos a caminho dessa forma, nós, argonautas do ideal, mais corajosos talvez do que prudentes, e muitas vezes naufragados e danificados, mas, como foi dito, mais sadios do que gostariam de nos permitir, perigosamente sadios, sempre sadios outra vez – quer-nos parecer que, em recompensa por isso, temos diante de nós uma terra ainda inexplorada, cujos limites ninguém mediu ainda, um além de todas as terras e rincões do ideal conhecidos até agora, um mundo tão abundante em coisas belas, estranhas, problemáticas, terríveis e divinas, que nossa curiosidade, assim como nossa sede de posse, ficam fora de si – ai, que doravante nada mais nos pode saciar! (FW/GC 382, trad. RRTF)

Em *Assim Falou Zaratustra* adverte-se: “Na verdade, um rio imundo é o homem. É preciso ser um oceano para acolher um rio sem se tornar impuro. Vede, eu vos ensino o [além-do-homem]: ele é este oceano, nele pode afundar o vosso grande desprezo” (Za/ZA, Prólogo 3, trad. PCS). De modo análogo, Nietzsche reflete, ainda no aforismo da *grande saúde*,

Como poderíamos nós, após tais visões, e com tal voracidade de ciência e consciência, satisfazermos-nos com o *homem atual*? É muito mau, porém inevitável, que olhemos suas mais dignas metas e es-

perança com seriedade a custo mantida, e talvez sequer as olhemos mais... (FW/GC 382, trad. PCS).

Em síntese, a *grande saúde* diz de uma disposição hierárquica dos impulsos forte o bastante para experimentar os valores doentios da humanidade, para avaliá-los, hierarquizá-los e, a partir disso, dar vazão à interpretação criativa de valores que cultivem a elevação do homem, para o além-do-homem. Este processo passa necessariamente pela experimentação dos valores no próprio corpo. Conforme reflete Nietzsche, no prólogo de *Humano, demasiado humano I*:

Supondo que seja permitido, a nós, espíritos livres, ver no problema da hierarquia o *nosso* problema: somente agora, no meio-dia de nossas vidas, entendemos de que preparativos, provas, desvios, disfarças e tentações o problema necessitava, antes que *pudesse* surgir diante de nós, e como tínhamos primeiro que experimentar os mais diversos e contraditórios estados de indigência e felicidade na alma e no corpo, com aventureiros e circunavegadores desse mundo interior que se chama “ser humano”, como mensuradores de todo o grau, de cada “mais elevado” e “um-acima-do-outro” que também se chama “ser humano” – em toda parte penetrando, quase sem temor, nada desprezando, nada perdendo, tudo saboreando, tudo limpando e como que peneirando do que seja acaso –, até que enfim pudemos dizer, nós, espíritos livres: “Eis aqui – um *novo* problema! Eis uma longa escada, em cujos degraus nós mesmos sentamos e subimos – que nós mesmos *fomos* um dia! Eis aqui um mais elevado, um mais profundo, um abaixo-de-nós, uma longa e imensa ordenação, uma hierarquia que *enxergamos*: eis aqui – o nosso problema!” (MA I/HH I, Prólogo 7, trad. PCS)

Com isso, decidem-se o problema e o papel do projeto filosófico de Nietzsche. Trata-se, com efeito, da hierarquização dos valores, que envolve necessariamente um autoexperimento fisiopsicológico. Tal empreendimento, enfim, pode ser entendido como a nova psicologia nietzschiana.

A alma humana e suas fronteiras, a amplitude até aqui alcançada nas *experiências humanas interiores*, as alturas, profundezas e distâncias dessas experiências, toda a história da alma *até o momento*, e as suas possibilidades inexauridas: eis o território de caça reservado para o psicólogo nato e amigo da “caça grande” (JGB/BM 45, trad. PCS).

A psicologia tornaria a ser, então, a “rainha das ciências” e “o caminho que leva aos problemas fundamentais” (JGB/BM 23, trad. PCS), pois o projeto de superação do niilismo, ou a *transvaloração de todos os valores*, significam a autoexperimentação da doença mesmo, do niilismo, dos modos de vida degenerados, para que se possa incorporá-los e, de tal modo,

cultivar novos estados fisiopsicológicos, novas hierarquias dos impulsos, mais saudáveis, que prescindam de uma moral anestesiante do sofrimento, que engendrem valores afirmativos da vida – uma psicologia *trágica*.

CONCLUSÃO: A FISIOPSICOLOGIA QUE IMPÕE A TRANSVALORAÇÃO

Encontramos nos escritos de Nietzsche, sobretudo nos prólogos redigidos em 1886, como forma de revisão de sua obra, e especialmente em *Ecce Homo*, sua “autobiografia” publicada postumamente, uma verdadeira autoidentificação com seu projeto filosófico de transvaloração. Isso pois o filósofo acredita ter passado, em sua formação, pela experimentação no próprio corpo, por todos aqueles estados doentios, entendidos enquanto modos de valorar, e deles convalidado e retornado à saúde. Em suas palavras,

Da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto labor do instinto de *décadence* – este foi meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vir a ser mestre, foi nisso. Agora tenho-o na mão, tenho mão bastante para deslocar perspectivas: razão primeira porque talvez somente para mim seja possível uma “transvaloração dos valores” (EH/EH, Por que sou tão sábio 1, trad. PCS).

Com isso, evidencia-se o argumento pelo qual Nietzsche reivindica o título de “primeiro” psicólogo: *o modo como tirou proveito de sua própria doença para o conhecimento*. De fato, a justificativa para ser o único capaz de realizar a transvaloração dos valores pode ser entendida através da fisiopsicologia do próprio Nietzsche, na qual o contraste entre a constituição saudável e a constituição doentia é, conforme define Giacoia Junior, “transformado numa oposição dinâmica entre distintas perspectivas sobre a doença existente no interior de uma mesma pessoa, [...] pois que somente dessa maneira se poderia decifrar o sentido da doença para o conhecimento” (2002/2014, p. 32). É através desse processo que a doença passa a servir como meio para a superação da decadência; nas palavras de Nietzsche: “Estar livre do ressentimento, estar esclarecido sobre o ressentimento — quem sabe até que ponto também nisso devo ser grato à minha longa enfermidade! O problema não é exatamente simples: é preciso tê-lo vivido a partir da força e a partir da fraqueza” (EH/EH, Por que sou tão sábio 6, trad. PCS).

O que Nietzsche encontra em sua própria fisiopsicologia é, afinal, uma disposição *fundamentalmente sã*, que podemos igualar à uma grande saúde, uma vez que esboça a capacidade de adoecer e convalescer incessantemente. Nos termos de Nietzsche: “Sem considerar que sou um *décadent*, sou também o seu contrário. Minha prova para isso, é, entre outras, que instintivamente sempre escolhi os remédios *certos* contra os estados ruins: enquanto o *décadent* em si sempre escolhe os meios que o prejudicam” (EH/EH, Por que sou tão sábio 2, trad. PCS). O nobre seria, nesse sentido, aquele que detém uma espécie de “sabedoria de vida, em receitar para si mesmo a saúde em pequenas doses e muito lentamente” (MA I/HH I, Prólogo

5, trad. PCS); tal sabedoria é identificada também em *Ecce Homo*, no comportamento pessoal do próprio Nietzsche, como uma segurança intuitiva que proíbe “os sentimentos de vingança e rancor” de aflorarem tanto ao experienciar a *décadence*, por se saber serem prejudiciais, quanto nos estados de saúde exuberante, por estarem abaixo de si. Do outro lado, o *décadent* é aquele no qual “o verdadeiro instinto de cura, ou seja, o instinto de defesa e ofensa” esmorece e é interditado pelo ressentimento: “Não se sabe nada rechaçar, de nada se desvencilhar, de nada dar conta – tudo fere” (EH/EH, Por que sou tão sábio 6, trad. PCS). Deste modo, os remédios que o *décadente* encontra para o seu sofrimento são aqueles pautados pelo ideal ascético do sacerdote, que conservam a vida anestesiada em seu estado doentio de negação de si. Esta dinâmica de autoconservação niilista de uma disposição fisiopsicológica fraca impõe uma moral escrava na cultura.

A distinção entre o modo de um ser “tipicamente mórbido” lidar com o sofrimento, em oposição ao modo fundamentalmente sadio, é precisamente o que constitui a nova psicologia, enquanto projeto filosófico de transvaloração. Nesse contexto, é válido retomar as tipologias do fraco e do forte. Para o Nietzsche-psicólogo,

existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de *abundância de vida*, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de *empobrecimento de vida*, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento (FW/GC 370, trad. PCS).

De um lado, “o que mais sofre, o mais pobre de vida necessitaria ao máximo de brandura, paz e bondade, tanto no pensar quanto no agir e, se possível, de um deus que é propriamente um deus para doentes, um ‘salvador’” (FW/GC 370, trad. PCS). Deste modo, os valores superiores pretensamente eternizados por estes estados *décadents* seriam frutos de uma

tirânica vontade de um grave sofredor, de um lutador, um torturado, que gostaria de dar ao que tem de mais pessoal, singular e estreito, à autêntica idiossincrasia do seu sofrer, o cunho de obrigatória lei e coação, e como que se vinga de todas as coisas, ao lhes imprimir, gravar, ferretear, a *sua* imagem, a imagem de *sua* tortura (FW/GC 370, trad. PCS).

Ou seja, novamente, aqui o que está em jogo é a denúncia dos valores superiores como “sintomas de determinados corpos”, bem como a proposta de um novo modo fisiopsicológico de valorar. Nietzsche, afinal, contrapõe ao “*pessimismo romântico*” marcado pela vingança metafísica descrita acima, uma nova doutrina, que inclusive, vale ressaltar, é uma vez mais apresentada como fruto da disposição fisiopsicológica sadia de seu próprio autor, ao mesmo tempo que percebida enquanto projeto para o futuro:

Que ainda *possa* haver um pessimismo bastante diferente, clássico – tal visão e intuição pertence a mim, é inseparavelmente minha, meu

propium e *ipsissimum* [quintessência]: no entanto, a palavra “clássico” repugna a meus ouvidos, tornou-se muito gasta, redonda e indistinta. A este pessimismo do futuro – pois ele virá! já o vejo vindo! – eu chamo de *pessimismo dionisiaco* (FW/GC 370, trad. PCS).

O pessimismo dionisiaco, nesse contexto, pode ser entendido como a afirmação trágica da vida, ou seja, a superação do niilismo através de sua máxima experimentação, até o transbordamento, o “niilismo acabado”. Para tanto, se faz necessária a autossuperação da decadência. Nietzsche decide, em *Ecce homo*, sobre sua constituição fisiopsicológica: “Como *summa summarum* [totalidade] eu era sadio, como ângulo, como especialidade era *décadent*” (EH/EH, Por que sou tão sábio 2, trad. PCS), o que aponta para a doença enquanto autoexperimento perspectivo. Afinal, se é a maneira como um filósofo se relaciona com seu corpo e sua doença que decidirá o valor de sua filosofia, Nietzsche assevera “fiz da minha vontade de saúde, de *vida*, a minha filosofia” (EH/EH, Por que sou tão sábio 2, trad. PCS), e descreve este processo da seguinte forma:

Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso – qualquer fisiólogo admitirá – é *ser no fundo sadio*. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar são, menos ainda curar a si mesmo; para alguém tipicamente são, ao contrário, o estar enfermo pode ser até um enérgico *estimulante* ao viver, ao mais-viver (EH/EH, Por que sou tão sábio 2, trad. PCS)

Marton (2018), em um artigo recente, analisa esta dupla condição assumida por Nietzsche em *Ecce Homo*: a de, ao mesmo tempo, terapeuta (psicólogo) e enfermo-paciente (decadente). A autora, além disso, busca compreender o que justificaria a passagem da condição de Nietzsche como “médico de si mesmo” – que toma a si próprio em mãos em uma autocura – à de “médico da cultura”, com o projeto de *transvaloração de todos os valores*. Em primeiro lugar, deve-se entender que o filósofo não modulou arbitrariamente suas “escolhas” de vivências para sua “cura”, mas sim, foi norteado por um instinto de conservação *não consciente*. Como vimos, o filósofo recusa a concepção moderna de sujeito, segundo a qual um pensamento ou reflexão filosófica seria resultado de uma escolha voluntária. Nesse sentido, Marton enfatiza que é “sua condição fisiopsicológica que determina a terapêutica que lhe convém” (2018, p. 901). Para Nietzsche, “Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente *o que é*” (EH/EH, Por que sou tão inteligente 9, trad. PCS). Não se trata, pois, de um processo consciente, tal como defendiam os socráticos com a máxima délfica “conhece-te a ti mesmo” (cf. FW/GC 354), mas sim de um processo instintivo de “cultivo de si”, que guia o caminho a ser seguido. O filósofo, nessa direção, escreve:

Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os *desacertos* da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as “modéstias”, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além *d’a* tarefa. [...] Este é o caso de exceção em que eu, contra minha

regra, minha convicção, tomo o partido dos impulsos “desinteressados”: eles aqui trabalham a serviço do *amor de si*, do *cultivo de si*. – É preciso manter toda a superfície da consciência – consciência é superfície – limpa de qualquer dos grandes imperativos. [...] Entretanto segue crescendo na profundidade a “ideia” organizadora, a destinada a dominar – ela começa a dar ordens, lentamente conduz *de volta* dos desvios e vias secundárias, prepara qualidades e capacidades *isoladas* que um dia se mostrarão indispensáveis ao todo. – Constrói uma após outra as faculdades *auxiliares*, antes de revelar algo sobre a tarefa dominante, sobre “fim”, “meta”, “sentido” (EH, Por que sou tão inteligente 9, trad. PCS).

Toda essa exposição de *Ecce Homo* culmina na percepção de que foram as condições fisiopsicológicas de Nietzsche, isto é, a *organização hierárquica de seus impulsos*, que não só determinou a sua existência (suas “escolhas”) e a sua produção filosófica, mas também o conduziu a tarefa de *transvaloração dos valores*. Ou seja, é a sua condição *fundamentalmente sadia* que o leva a *criar* valores igualmente sadios devido sua capacidade de transmutar perspectivas, em contraste com a história da filosofia, traçada pela genealogia da moral, na qual predominam os valores transcendentais mantidos pela decadência. Afinal, o que torna Nietzsche um “psicólogo *sem igual*” (EH/EH, Por que escrevo tão bons livros 5) é o caráter saudável de sua filosofia, que, em primeiro lugar, se vê desvencilhada dos dogmas metafísicos, ao promover um saber fisiopsicológico, isto é, pautado no corpo e na vida enquanto vontade de potência; em seguida, que propõe uma genealogia dos valores através da autoexperimentação; e, por fim, que promove a autossuperação da decadência, através do cultivo de novos modos de valorar.

REFERÊNCIAS

- GIACOA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- GIACOA JUNIOR, Oswaldo. Sobre saúde, doença e ressentimento (2002). In: PAULON, Simone Mainieri (Org.). *Nietzsche psicólogo: a clínica à luz da filosofia trágica*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 29-57.
- MARTON, Scarlett. “Fiz de minha vontade de saúde, de vida, minha filosofia...”. *Nietzsche e o problema da medicina em “Ecce Homo”*. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 59, n. 141, p. 891-903, set. 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre psicologia*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2013.